ISSN: 2358-8829

NARRATIVAS SURDAS: UMA ANÁLISE SOBRE A INFLUÊNCIA DO CURSO DE LETRAS LIBRAS NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DE DISCENTES SURDOS DA UFERSA

Ítalo Santos Ferreira[1]
Mifra Angélica Chaves da Costa[2]
Francisco Ebson Gomes-Sousa[3]

RESUMO

A educação de surdos ao longo dos anos tem evoluído e oportunizado cada vez mais a inserção do surdo nos espaços educacionais e sociais. Desde a aprovação da Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Libras como língua oficial dos sujeitos surdos do Brasil, o avanço legislativo tem surgido como pauta das lutas pelos direitos e garantias desse povo, o que oportunizou a acessibilidade, com intérpretes de Libras, a garantia da inclusão dos surdos nas salas de aula e nos mais diversos espaços e a modalidade de educação bilíngue. Porém, sabemos ainda, que o avanço na efetivação da legislação ainda não está no ideal, e nisto muitos sujeitos ainda são oportunizados de conhecer e/ou se aprofundar em sua língua com garantias de acessibilidade somente no Ensino Superior. Desse modo, nesta pesquisa buscamos analisar sobre como esse processo educacional na universidade tem contribuído para a formação da identidade dos discentes surdos na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Nessa perspectiva propomos analisar narrativas autobiográficas de discentes e egressos surdos do curso de Letras Libras, buscando compreender se a formação na academia influencia na construção/solidificação de sua identidade enquanto sujeito surdo. Para isto, utilizamos como embasamento teórico Quadros (2006); Quadros, Silva e Silva (2023); Halbwachs (1990); Josso (2009); Passeggi (2011); Perlin (2008) e Strobel (2008). A metodologia utilizada foi a pesquisa autobiográfica, pois utilizamos de narrativas sinalizadas sobre suas memórias a partir de entrevistas semiestruturadas, com uma abordagem qualitativa. A pesquisa, que se encontra em andamento, já nos possibilita ter algumas inferências acerca das trajetórias dessas pessoas, bem como, a colaboração da academia em sua formação social e educacional.

Palavras-chave: Memória, Surdo; Autobiografia; Identidade surda; Ensino Superior.

[1] Graduado do Curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) - RN, italosf98@gmail.com;

[2] Professora da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – RN. E-mail: mifra@ufersa.edu.br;

[3] Professor do curso de Licenciatura em Letras Libras pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido
(UFERSA); Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: ebson.gomes@ufersa.edu.br.

ISSN: 2358-8829

INTRODUÇÃO

A histórias narradas de pessoas surdas mostram a trajetória de seus processos de vida, tanto no âmbito social quanto educacional. Essas narrativas precisam do espaço, ou seja, precisam da voz (os sinais) das pessoas surdas, para que sejam vistas a partir de sua perspectiva de como seus processos de vida ocorreram, uma vez que ao longo do tempo, compreendemos que a vida desses sujeitos, que tiveram muitos entraves aos quais dificultam seu processo social, enquanto ser humano e cidadão, assim, como educacional, as negativas e ao acesso a esse direito.

No Brasil, somente em 2002, através da Lei 10.436, foi possível, com muita luta durante os anos anteriores, o reconhecimento linguístico da Língua brasileira de Sinais (Libras). A Legislação possibilitou um avanço significativo, reconhecendo a cultura e o modo comunicativo das pessoas surdas, um passo importante na luta dos direitos desse povo, para que possam ter outros processos garantidos em Lei, como o direito à educação, saúde, e também, o direito linguístico em espaços públicos e privados do Brasil. Essa questão parece simples, tendo em vista que encontramos o direito à educação, saúde e outros, na Constituição Federal.

Entender os processos históricos a qual o surdo está inserido, é importante para compreendermos a sua trajetória de vida e como eles compreendem o mundo em que vivem. Nesse sentido, possibilitar às pessoas surdas contar suas próprias histórias fazem parte do processo de reconhecimento das pessoas surdas em nossa sociedade, uma vez que, por muitos anos seus espaços de fala foram silenciadas para oportunizar pessoas de outras culturas, os ouvintes, a manifestar narrativas sobre a história desses sujeitos, que são tão importantes para compreendermos o mundo em que vivemos, e para além disso entender e respeitar as diferenças entre as pessoas.

Sendo assim, essa pesquisa busca analisar sobre como esse processo educacional na universidade tem contribuído para a formação da identidade dos discentes surdos na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), ojetivando analisar narrativas autobiográficas de discentes e egressos surdos do curso de Letras Libras, buscando compreender se a formação na academia influência na construção/solidificação de sua identidade enquanto sujeito surdo.

Nas próximas seções discutiremos sobre a metodologia utilizada para realização da pesquisa, em seguida o embasamento teórico a qual nos apoiamos para desenvolver teoricamente o trabalho, logo após os resultados e discussões, e por fim, as considerações finais.

METODOLOGIA

A pesquisa ocorreu na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), *Campus* Caraúbas, situada no interior do Estado do Rio Grande do Norte, região oeste potiguar, à 70km do Município de Mossoró-RN. O trabalho científico foi realizado com a participação de 13 alunos surdos do curso de Letras-Libras, com perfil de discentes e egressos. Existem outros cursos ofertados no âmbito da Universidade, como Ciências e Tecnologia – Bacharelado, Engenharia Mecânica, Elétrica e Civil, cursos de licenciatura em Inglês, Português e Física, além da oferta do curso de Pedagogia Bilíngue pelo Plano Nacional de Formação de Professor da Educação Básica (PARFOR).

O método utilizado para produção da pesquisa foi autobiográfico, pois utilizamos de narrativas autobiográfica da vida das pessoas surdas para compor nosso corpus de estudo, entendendo que a pesquisa autobiográfica, conforme descreve Josso (2010), pode ser utilizada para a produção de conhecimento, tempos de aprendizagem e modos de ser. Utilizamos, também uma abordagem qualitativa, conforme descreve Denzin e Lincoln (2006):

> [..] em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. (Denzin e Lincoln, 2006, p. 17).

Para a produção de dados desta pesquisa, utilizamos uma entrevista semiestruturada, uma vez que ela é compreendida como uma "técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados". Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e "pesquisado" (Severino, 2014, p. 108). A realização das entrevistas ocorreu em duas etapas: A

ISSN: 2358-8829

primeira, individual e a segunda coletiva, proporcionando momentos de escuta sensível e compartilhada entre os colaboradores da pesquisa.

As etapas para realização da pesquisa seguiram um critério rigoroso, desde o cadastro do projeto de pesquisa na UFERSA, respeitando os trâmites legais previstos, e com a aprovação, demos início a reuniões entre os pesquisadores para que pudéssemos discutir os passos que seriam realizados para realizar cada ação. Sendo assim, realizamos os seguintes passos: Estudos teóricos metodológicos; Produção de um formulário bilíngue para aceite de participação dos colaborados surdos; Criação de grupo de *Whatsapp,* com o objetivo facilitar a comunicação entre todos os participantes; Envio do formulário e do cronograma previsto para realização das entrevistas individuais; Gravação das entrevistas sinalizadas individuais; Realização da entrevista coletiva; Organização do material para realização da transcrição de Libras para Português – realizada pelos membros pesquisadores.

A gravação da entrevista ocorreu no Laboratório de audiovisual do Curso de Letras Libras, onde foi possível entrevistar 11 (onze) entrevistas individuais presenciais e 2 (duas) entrevistas no formato remoto devido a questões de distanciamento geográfico. As ferramentas de registro utilizadas foram: Câmera digital, para as entrevistas presenciais, e o *Google Meet,* em conjunto com a ferramenta OBS *(Open Broadcaster Software*) *Studio,* para que fosse possível o registro da tela do computador no momento da transmissão de vídeo. Essa escolha se deu devido ao *Google Meet*, realizar automaticamente trocas de tela, o que poderia ocasionar perda informativa, uma vez que na gravação na ferramenta *google*, registrava somente a tela principal.

REFERENCIAL TEÓRICO

Compreender a nossa trajetória de vida é importante para repensar nas ações futuras, para isto devemos revisitar nossas memórias em nosso íntimo, buscando refletir sobre as ações e os resultados que tivemos ao longo das vivências de nossa jornada. Nessa ideia, Josso (2009), realiza uma reflexão importante, a qual nos mostra que as vivências constituem o tecido do nosso cotidiano, onde podem ser experiências de vida as quais podem estar fixadas ou não em nossas memórias, e que podem se transformar em conhecimento, um novo comportamento, um novo saber fazer em um determinado

ISSN: 2358-8829

campo de atuação, onde pode ser atividade individual ou coletiva que estejam em situações específicas.

As memórias, segundo Souza (2007), é uma experiência histórica indissociável das experiências de cada indivíduo e de cada cultura. Ao revisitar uma memória invocamos conhecimentos de nossas vivências que não é fixada apenas no campo subjetivo, mas também em um contexto histórico e cultural. Nesse sentido, pensar sobre a história das pessoas surdas é resgatar em seu íntimo, as suas trajetórias de vida, porém é preciso refletir, como essas histórias vêm sendo narradas ao longo dos anos, principalmente quando observamos no contexto histórico, que as narrativas sobre o povo surdos eram realizadas a partir da ótica de pessoas ouvintes, conforme comenta Perlin & Strobel (2014):

> Anular o passado e requerer o presente se mostrou como artefato cultural para os surdos. Um passado imerso na obrigação de serem ouvintes e, em função disto, aceitar que os outros fizessem a sua história, os dominassem, se tornou a marca mais deprimente. Diante disto, surgem novos feitos e novas interpretações no cotidiano. Neste sentido, se prosseguirmos com as velhas realidades, narradas como que no tempo colonial, perigamos escrever uma história de holocausto, de dominação, de lamentos. Mas não é por aí... Temos outros caminhos que, mesmo desconhecidos, merecem ser trazidos à tona, vivenciados e narrados por constituírem a genuína história natural e cultural dos surdos. (Perlin & Strobel, 2014, p. 17)

Perlin e Strobel (2014), discutem questões importantes sobre o povo surdo, sua história e seu direito de narrar sobre si. O processo histórico dessas pessoas, ao longo dos anos, não foi fácil, principalmente porque desde a idade média, os surdos buscam estar presentes na sociedade e serem vistos como sujeitos “normais”, assim como eram vistos as pessoas ouvintes.

Perlin e Quadros (2006), explicam que por muitos anos os sujeitos surdos foram estereotipados como inferiores. Esse pensamento foi reproduzido ao longo dos séculos e ainda pode ser encontrado em alguns discursos dentro da sociedade moderna. Perlin e Quadros (2006), colaboram teoricamente, explicando que os ouvintes ao nascerem estão em contato com sua cultura e seu povo, adquirindo experiências de seus pares, porém quando pensamos nas pessoas surdas, existe essa mesma interação/imersão cultural? Não, principalmente porque estamos falando de um povo minoritário, uma vez que sua população é menor que a do povo ouvinte, e para que essas pessoas possam estar em

ISSN: 2358-8829

convivência é necessário entender que "a comunidade surda tem características que começam a firmar-se na sua convivência social". (Miorando, 2006, p.78).

Strobel e Perlin (2014) versam sobre a cultura surda, abordando que as experiências entre os sujeitos são trocadas com seus semelhantes, ou seja, outras pessoas surdas, partilhando a língua, os valores, os hábitos e os modos de socialização.

> Assim como ocorre com as diferentes culturas, a cultura surda é o padrão de comportamento compartilhado por sujeitos surdos na experiência trocada com os seus semelhantes quer seja na escola, nas associações de surdos ou encontros informais. Isto origina a identificação de pertencer a um povo distinto, caracterizado por compartilhar língua de sinais, valores culturais, hábitos e modos de socialização. (Strobel e Perlin, 2014, p.25)

Neste sentido, entendemos que nenhum sujeito vive isolado, mas sim em comunidade, proporcionando vivências e compartilhando seus costumes, o que também, não impede que estes estejam em contato com outros povos de outra cultura, vivendo em harmonia, como é o caso de pessoas surdas e ouvintes, entendendo que uma comunidade não vive isolada de outras culturas, conforme destacam Viana Neto, Oliveira e Costa (2015):

> É uma comunidade organizada âmbito político e social, não vive isolada, pois tem contato com outras culturas, por tanto evolui e se desenvolvem como qualquer outra comunidade. A comunidade surda está inserida em diversas áreas da sociedade, desempenhado suas habilidades e exercendo seu papel como cidadão. (Viana Neto, Oliveira e Costa, 2015, p.193)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A formação de alunos surdos ocorre, ainda, de forma insuficiente para que possamos afirmar que a educação de surdos está no modelo ideal. A passos lentos, e com avanços legislativos como a Lei de Libras - nº 10.436/02, que dispõe sobre o reconhecimento linguístico da Libras, foi um marco legal que impulsionou a luta pelos direitos das pessoas surdas no âmbito nacional brasileiro, proporcionando ao longo dos anos outras conquistas que oportunizaram as pessoas surdas um melhor acesso à educação.

Esse acesso a educação proporcionou vivências e descobrimentos da pessoa surda sobre si, tendo em vista que o contato com sua língua natural, a Libras,

proporciona ao surdo novas reflexões sobre si, o que impacta diretamente na sua identidade e reconhecimento enquanto sujeito surdo, pertencente a uma cultura cujo as características são visuais. Sobre estas questões um colaborador surdo respondeu:

> ***Colaborador surdo 1:*** *Minha vida, né? Bem, eu me recordo, no passado, quando nasci e fui crescendo tinha o pensamento que era sozinho e o que isso significava? Eu pensava que todo mundo era surdo, eu não refletia muito, afinal não tinha contato com pessoas surdas, todas as pessoas que estavam ao meu redor eram ouvintes. Porém quando meus pais se mudaram para Brasília, eu pude entrar em uma escola própria para pessoas surdas [nome da escola], quando eu entrei eu vi vários surdos, realizando diversos gestos, e eu gostei daquilo, comecei a me reconhecer, e então eu perguntei ao meus pais se eles eram ouvintes e eles me responderam que eram surdos, iguais a mim, foi nesse momento que compreendi que eu sou surdo, este sou eu, surdo. (Transcrição, Colaborador surdo 1, Grifo nosso)*

Percebemos que o colaborador surdo acreditava que estava sozinho no mundo devido a não ter contato com seus pares, dessa forma, não se reconhecendo como surdo, acreditando que estava sozinho no mundo. O impacto do distanciamento cultural e dos artefatos culturais das pessoas surdas, distância o sujeito de uma compreensão de mundo que possibilita o ver como sujeito social.

> ***Colaborador surdo 1:*** *Durante minha fase de crescimento, a sensação era que eu não pensava muito sobre isso. Porque parecia algo natural, o meu contato a maioria eram pessoas ouvintes. Eu não encontrava com surdos, raramente isso acontecia. Nas brincadeiras, a maioria eram ouvintes, falavam oralmente, e devido a isso foi me ensino a oralização. Eu participei de consultas como a fonoaudióloga para treinar a fala, com método da oralização, eu lembro que tinha uns 5 anos, por isso eu aprendi a oralizar, mas foi somente aos 11 anos que tive contato com a Libras. (Transcrição, Colaborador surdo 1, Grifo nosso)*

Outra questão importante retratada pelo colaborador surdo é sobre a sua convivência no seio familiar e com as demais pessoas, o que o levou ao treino da fala e consequentemente a uma metodologia oralista de ensino, que buscava normatizar o surdo, inserindo ele em um método oral, treino de fala junto aos profissionais da fonoaudiologia.

Outro colaborador surdo, nos mostra uma realidade um tanto diferente uma vez que narra que se reconhece como surdo por ter em seu seio familiar irmãos, que também são surdos. Isso nos mostra que a percepção da identidade surda surge a partir das vivências com seus pares, conforme narrado pelo colaborador surdo 2:

ISSN: 2358-8829

> ***Colaborador surdo 2:*** *[...] Eu sou aluno da UFERSA, curso de Letras Libras e fui convidado para estar aqui neste momento para falar sobre memória surda! Sim eu sou surdo, e estudo, e busco aprender Língua portuguesa porque é uma necessidade e sempre que necessito de ajuda peço aos intérpretes para me dar esse apoio na língua portuguesa, porque necessito ter essa aprendizagem para que possa aumentar meus conhecimentos, sendo esse desenvolvimento da escrita imprescindível para se tornar bilíngue, sendo a Libras a outra língua minha, que também é muito importante. [...] Na minha família tem três surdos! [...] Eu, e meu irmão [sinal do irmão] e meu outro irmão [sinal do outro irmão], este é neurodivergente. (Transcrição, Colaborador surdo 2, Grifo nosso)*

Um fator interessante percebido durante as análises das narrativas surdas, são justamente o avanço significativo quanto ao aprofundamento da cultura surda dos alunos ao ingressarem na Universidade, uma vez que durante seus processos de escolarização encontraram muitas barreiras, como o preconceito, a falta de acessibilidade linguística, e consequentemente prejuízos linguísticos, sociais e educacionais. Conforme nos mostra o colaborador surdo 2;

> ***Colaborador surdo 2:*** *Quando eu era criança, a muitos anos atrás, eu como filho surdo tinha muitas barreiras comunicativas, eu não conseguia, então essa educação não chegava até mim. Quando criança eu observava, mas como eu iria aprender? Não sei! Também o português não sabia de nada, então sempre permanecia calado, era somente ilustrações simples, o nome, uma palavra. Então escrevia na terra e o professor chamava minha mãe para me ajudar, e mostrava. Isso me deixava extremamente triste. Eu via minha mãe chorar, e carinhosamente utilizava gestos para me ajudar, e eu não sabia de nada, era normal. Tinha os desenhos, eu visualizava os desenhos que eram entregues a mim, ela me entregava para me ajudar, mas eu não sabia o português, não havia, somente os desenhos que eram me entregues. Os desenhos eu achava-os fáceis. Quando ia ao supermercado comprar algo, as pessoas oralizavam e eu não compreendia nada porque eu era surdo. Então havia a utilização de gestos, mas mesmo assim era difícil, não compreendia nada, isso ocorreu quando fui a primeira vez no supermercado. Em outro momento, fui e procurei o mesmo produto, peguei, entreguei ao caixa, perguntei quanto custava, me respondeu que custava 5 reais, retirei o dinheiro do bolso e paguei, ela me deu o produto e eu agradeci. Quando saí, atrás de mim, tinha um casal e disse: - Nossa um surdo! Eu não entendia nada, mas eles continuavam a olhar para mim, porque eu aluno de uma escola como poderiam me ensinar? Porque não tinha intérprete, não tinha nada e eu ficava sem aprender, então somente ficava sentado em silêncio na sala. (Transcrição, Colaborador surdo 2, Grifo nosso)*

Foi somente durante seu processo de formação na academia que o colaborador surdo pôde ter acesso, tanto a sua língua, já que a universidade dispunha de intérpretes de Libras que acompanhavam as aulas, realizavam atendimentos e atuavam com acessibilidade linguística no âmbito da universidade, assim como a convivência com

ISSN: 2358-8829

seus pares, além de haver professores surdos e ouvintes fluentes em língua de sinais, o que aproximava o aluno de sua cultura e convivência com a língua de sinais.

> ***Colaborador surdo 2:*** *As aulas eram todas falando, falando e falando. Eu ficava calado sem entender nada pois um profissional tradutor intérprete não tinha infelizmente os colegas me davam as respostas, mas na Ufersa no Letras Libras é diferente tenhos amigos que sabem Libras alguns tem dificuldade em se comunicar, mas eu sempre ajudo com sinais vou dando dicas. Tem professores surdos que ajudam muito e intérpretes de Libras nas aulas e palestras. Então é muito bom ter acessibilidade para os surdos na Ufersa, eu me sinto muito satisfeito. (Transcrição, Colaborador surdo 2, Grifo nosso)*

As metodologias utilizadas ao longo da jornada estudantil dos alunos eram oralizadas, e não tinham acessibilidade. Por mais que o aluno se reconhecesse como surdo devido ao seio familiar também haver surdos, ainda não conseguia desfrutar da acessibilidade linguística e do acesso a sua língua, garantindo assim uma aprendizagem mais completa.

Essa realidade narrada por esses colaboradores surdos, são semelhantes aos outros entrevistados, trazendo consigo as dificuldades quanto ao acesso linguístico e o seu reconhecimento tardio enquanto sujeito surdo, seja pela falta de compreensão das dimensões sociais em que vive, ou por contato com seus pares e/ou sua língua natural, a Libras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo objetivou analisar sobre como esse processo educacional na universidade tem contribuído para a formação da identidade dos discentes surdos na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Percebemos que a universidade contribuiu significativamente na formação da identidade surda dos alunos. Uma vez que possibilitou um ambiente com acessibilidade linguística e encontro com seus pares surdos, o que na vivência do dia a dia, pôde significativamente colaborar para o seu reconhecimento de si enquanto sujeito surdo.

É notório que a educação de surdos ainda é falha e que por muitas vezes as crianças surdas enfrentam barreiras, principalmente culturais, uma vez que tardiamente é que possuem algum contato com seus pares, assim, colaborando para um atraso quanto ao seu reconhecimento de identidade surda.

Embora a pesquisa esteja em andamento, é possível perceber que os sujeitos surdos ainda não estão convivendo em sociedade na forma ideal, tendo sua individualidade cultural respeitada, assim como seu direito e acesso ao um ensino de qualidade, bem como a estar em espaços inclusivos e próximos a seus pares, assim, possibilitando o fortalecimento e a construção de uma identidade surda sólida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002**.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: set. 2026.

BRASIL. Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005**.** Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispões sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em: set. 2026.

MIORANDO, T. M. **Formação de Professores Surdos:** Mais Professores para a Escola. In: Quadros. R. M. (Org.).Estudos Surdos I. Petrópolis, RJ: Arara-Azul. 2006. p. 76 -109.

PERLIN, G; STROBEL, K. **História cultural dos surdos: desafio contemporâneo**. Educar em Revista. Curitiba. Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 17-31. Editora UFPR.

PERLIN, G; QUADROS, R. M. **Ouvinte:** o outro ser surdo. In: Quadros. R. M. (Org.).Estudos Surdos I. Petrópolis, RJ: Arara-Azul. 2006.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** Editora Cortez. São Paulo. 2014.

SOUZA, E. C. **(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação in Memórias e formação de professores.** Salvador- BA. p. 58-74. 2007.

VIANA NETO, Francisco de Acací; OLIVEIRA, Jozilene Melo de Andrade e COSTA, Mifra Angélica Chaves da Costa. Identidade e Cultura Surda: Mãos Que Contam a História de Vida de um Surdo da ASMO/Mossoró In.: **II Seminário Potiguar: Educação, Diversidade e Acessibilidade: Uma Questão de Efetivação de Direitos**. Mossoró, 2015. ISBN 978-85-7621- 124-2 ISSN 2525-3085 2015, volume único.